



DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactor principal — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Norte — A. FERREIRA ARBIOL

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

IGREJA E PARÓQUIA

Rev.º Bispo D. Luís Pereira

IGREJA e Paróquia são palavras muitas vezes usadas na Igreja Lusitana como significando a mesma coisa. Não haveria nisso qualquer mal se esse uso não traduzisse, como de facto às vezes traduz, uma ideia errada do que é uma Paróquia.

Quando a Paróquia é constituída por uma só congregação, ela corresponde, de algum modo, à Igreja local do Novo Testamento, visto ser uma comunidade cristã que se reúne regularmente para escutar a Palavra de Deus, orar e sobretudo para celebrar a Eucaristia (expressão sacramental, por excelência, da Igreja local) presidida por ministério instituído pelos Apóstolos ou por seus delegados.

Mas o Novo Testamento além de se referir às igrejas locais, fala também da Igreja como significando todo o Povo de Deus, tanto no Velho (Act. 7.38) como no Novo Testamento. A Igreja do Novo Testamento, o novo Israel, é também chamada «Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo». Estas designações, porém, não significam que ela seja uma entidade invisível. É uma sociedade visível com determinadas marcas; nem doutra forma se podiam entender as exortações: «Não vos torneis causa de tropeço nem para os judeus, nem para os gentios, nem para a Igreja de Deus» (I Cor. 10.33); «... como se deve proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade» (I Tim. 3.15).

É necessário pois não esquecer nunca que, se por um lado, a Paróquia é expressão local da Igreja Universal, ela constitui também parte de um todo, a Diocese, que por sua vez é também parte de um todo, a Santa Igreja Católica. Estes dois conceitos, **parte de um todo, e expressão ou representação local desse todo**, necessitam de ser aprofundados simultaneamente.

Importa que se não caia no erro de considerar a Igreja Lusitana como mera federação de «Igrejas» independentes.

Porque as comunidades cristãs locais são partes de um todo, elas são **interdependentes** e não independentes; e porque são cristãs, hão-de se reger pelo princípio cristão do sacrifício: «Se um morreu por todos, logo todos morreram para que os que vivem, vivam não mais para si mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (II Cor. 14.15). Estas palavras tanto se podem aplicar a indivíduos como a comunidades. Isto quer dizer que o

EDITORIAL

A única esperança do homem está em Cristo, Cristo vitorioso sobre o mal, sobre a dor, sobre a morte. A Igreja, desde os tempos apostólicos, proclama a todos, sem distinção de raça, cor, ou condição social, a mensagem do Evangelho, de Vida e de Amor e anuncia que o reino de Deus está próximo, ao alcance fácil dos seus filhos e que Ele nos espera na Sua bem-aventurança.

A Igreja é o conjunto de todos os que crêem e foram baptizados, e que, no seu todo, formam o seu povo, a sua geração escolhida num sacerdotalismo universal e não exclusivo de alguns. Por definição a Igreja nem é de um, nem pertence a um grupo e, muito menos é de cada um. É um exército em marcha, vindo dos campos, das montanhas, das cidades, em direcção a Cristo. Combatendo pela Fé, as suas responsabilidades se dividem segundo o dom de Deus, uns em posição de comando, como Moisés a caminho da Terra prometida, e outros como soldados, mas ninguém escapando à missão especial para que fora chamado. William Booth assim o compreendeu. E neste sentido, tomando-o singularmente à letra, formou o conhecido «Exército da Salvação», com hierarquia semelhante à dos exércitos militares e que, como coluna avançada do Reino de Deus, age directamente nos bairros mais pobres e miseráveis das grandes cidades, num trabalho admirável de evangelização e acção social.

A Igreja não é pois de forma alguma qual força estática, de sentido egocentrista, unicamente para a manutenção da pureza do Evangelho e apenas para salvação pessoal dos que a procuram. É isto, mas excede-o muito mais. É força em movimento, é expansão em profundidade, é acção concreta e objectiva, dinâmica e revolucionária, procurando modificar a

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

«Limitação Artificial dos Nascimentos»

O combate a uma excessiva proliferação das populações, iniciado no século passado por Maltus, está na ordem do dia. Em Londres, numa reunião internacional duns quatrocentos médicos, vindos de todas as partes do Mundo, disse-se tudo quanto se quis contra e a favor da liberdade do uso dos processos anticoncepcionais. E o que se disse na generalidade não foi construtivo para a juventude que se prepara para a vida, para a organização da família. Em lugar de a orientar sériamente nas suas responsabilidades como futuros pais de família, estão a induzi-los a uma falta de respeito pelo mais precioso dom de Deus, o amor conjugal, a criação dos filhos, a estabilidade da família. Que há problemas sérios que têm de ser revistos com um sentido humano e uma compreensão das presentes dificuldades sociais, todos nós sabemos que existem e que têm de ser tratados como o Mestre perante a adúltera que lhe apresentaram para receber o castigo da Lei. «Também Eu te não condeno. Vai e não peques mais». Compreensão pelo caso daquela mulher a Seus pés chorando e o conselho supremo dentro dos mandamentos: «não peques mais».

Em tudo tem de haver caridade. Mas os princípios, base da moral cristã, têm de ser salvaguardados se não queremos sentir o aniquilamento da sociedade moderna, num cataclismo como o que submergiu Sodoma e Gomorra em eras passadas, mas que poderá repetir-se de qualquer maneira, se não houver uma força forte que se lhe oponha. A Igreja tem este papel, a Igreja Cristã de todo o Mundo. Assim ela sinta que só unida entre si e com o Pai Celeste o poderá fazer.

«Boletim Religioso»

Este pequeno boletim da Igreja Lusitana «O Despertar» tem como subtítulo o de «Boletim Religioso». Isto significa, e muito bem, que procura interessar-se somente pelos problemas religiosos da Igreja, sem a mais pequena menção de quaisquer outros.

Mas quais são os problemas da Igreja? Serão só os temas teológicos e as informações paroquiais? A religião é a relação do homem para com Deus, agindo no Mundo. Por definição não pode estar alheia aos problemas que preocupam o homem na sua vida aqui na Terra. Por exemplo, uma das questões que tem preocupado a Comunhão Romana, é a estabilidade da família, proibindo aos seus membros o divórcio «tout court». Este é um problema sério, porque da estabilidade da célula familiar depende, sem dúvida, o bem estar da comunidade. Há razões a considerar no desacordo conjugal. Mas valerá a pena sacrificá-las ao bem comum? Isto não pode ser decidido de ânimo leve e há prós e contras necessários a ponderar. Outro assunto delicado está na ordem do

dia que o Papa Paulo VI prometeu estudar nas próximas reuniões do Concílio: «A limitação dos filhos num casal, por processos modernos anticoncepcionais». A Igreja Romana já em tempos se pronunciou sobre o assunto. Mas a sua revisão urge em vista do desenvolvimento da ciência neste capítulo.

A Igreja Anglicana e as demais Igrejas Protestantes igualmente se têm pronunciado categoricamente sobre estes problemas. Sabe-se quão influente foi a acção do Arcebispo da Cantuária quanto ao prenho casamento da princesa Margarida com um divorciado, num sentido humano de respeito pela vontade da princesa, mas mostrando-lhe com energia paternal quantos os inconvenientes resultantes. E o mesmo aconteceu com o Rei Eduardo VIII que teve de abandonar o trono.

A influência da Igreja é grande, directa e indirectamente. É como um fermento que, ainda que pequeno, leveda toda a massa. A sua influência determina as leis morais que regem os povos no seu comportamento. E hoje, quando escritores e filósofos afirmam, num desprezo pela Igreja, que a era cristã já passou e que estamos num período histórico a que deverá chamar-se «post-cristianismo», hoje, mais do que nunca, necessitamos de pensar a sério no prejuízo das divisões, malquerenças, desacordos, etc., entre os diferentes ramos da Igreja Cristã e de procurar com humildade e compreensão uma aproximação em vistas a uma união futura que será como Deus entender no respeito humano e na obediência ao Mestre que desejou que todos fôssemos um em acção, em amor, em esperança, na Fé em Deus.

«Clericalismo e Laicismo»

Num dos últimos números do «Despertar» a mensagem episcopal focou este assunto num bom e bem elaborado artigo que mereceu ser transcrito pelo jornal oficial da Igreja Brasileira, o «Estandarte Cristão».

Certamente o assunto, claramente exposto, continha verdades que necessitam ser ditas com a ênfase necessária. O leigo, mesmo o da Igreja Lusitana, onde tudo foi pensado e organizado para que ele tivesse uma voz activa no desenvolvimento do trabalho da Igreja, mesmo esse, está «intimamente» convencido (falo na generalidade) de que os assuntos teológicos e a obra da Igreja pertencem exclusivamente ao clero, e que a ele cumpre, além do papel de «crítico», apenas o sentar-se ao domingo no seu banco preferido, orar com os seus irmãos, contribuir para as despesas da Igreja (a manutenção do edifício, a electricidade, etc. ... não sei se mesmo pensa no pagamento dos seus pastores) e parece-me que pouco mais. Na contribuição dá o mais que pode em relação com as suas despesas, agora que o seu grupo de futebol está em apuros com um déficit de ser comprados. De resto, por que é que

os países protestantes não nos ajudam como antigamente? E nem a ideia fatalista dum sentido de abandono e de revolta (!), esquecendo-se e perdendo a consciência de que já somos uma força bastante para nos mantermos a nós próprios, se o quisermos, todos unidos no mesmo dever e sacrifício.

Certamente não vamos discutir porque este estado de coisas assim aconteceu. Se foi o leigo o culpado, se foi o clero, que não está isento de pensar de igual modo quanto à intromissão do leigo nos negócios da Igreja. Lembro-me que uma vez, há muitos anos, um ministro declarou (em plena reunião sinodal, salvo erro) que o leigo certamente em assuntos teológicos e nas coisas que diziam respeito ao clero deveria manter-se mudo e quedo como a esfinge (a metáfora é minha). Está claro que a coisa foi «in loco» enérgicamente combatida e tudo esclarecido e posto nos seus devidos lugares como não podia deixar de ser.

Temos, pois, deixando querelas inúteis, de ser realistas. E graças a Deus que a Igreja Lusitana está organizada de molde a satisfazer os deveres do leigo na discussão, através dos seus representantes no Sinodo, de todos os assuntos da Igreja. As suas paróquias estão ali representadas pelo seu pastor e por um leigo da Junta Paroquial que ele escolheu nas assembleias eleitorais, em que votou livremente.

Com a restauração do diaconado permanente, mais alguns poderão ainda sacralizar a sua vocação especial no trabalho directo da igreja visitando os enfermos, assistindo na obra social, ajudando as viúvas e os necessitados e educando os órfãos desamparados. Tem havido na Igreja Lusitana exemplos admiráveis de dedicação pela obra social. Diogo Cassels, Benaparte (estes, clérigos) têm monumentos erectos em lugares públicos, devidos à obra social que desempenharam. E quanto mais se poderia dizer sobre este assunto. Mas isto excederia em muito esta pequena nota.

ACUSAÇÃO VERDADEIRA

(Continuação da pág. 5)

nauseante; são certas práticas mais do que duvidosas «enriquecidas» com múltiplas indulgências.

Quando porém mencionamos estas coisas a um católico romano esclarecido, ele responde-nos, e com verdade, que não fazem parte da doutrina da Igreja.

Por que se toleram então, se se renegam? Por que se renegam se se toleram?

Graças a Deus que um *terceiro* Catolicismo Romano está a surgir, fruto da coragem profética de João XXIII: O Catolicismo Romano do II Concílio do Vaticano.

Que este *terceiro* Catolicismo Romano, consiga *arejar* todos os recantos bafientos da teologia e do direito canónico romanos e reformar completamente os chamados «desvios populares», deve ser a oração de quantos pugnam pelo Catolicismo íntegro e dinâmico da Igreja indivisa.

FIDELIDADE... A QUEM?

Rev. Saul de Sousa

Últimamente tem chegado até nós clamoroso protesto contra aqueles que, sentindo a necessidade imperiosa de um testemunho mais consentâneo com a natureza das responsabilidades confiadas por Deus à Sua Igreja, procuram erguer pontes de aproximação entre os diversos cristãos, criando assim um clima de paz que permita, sem quebra de princípios, a execução de certas tarefas em comum e um entendimento cada vez mais conducente à unidade preconizada por Jesus.

Esse protesto, que pretende ser sinal de alerta, arvora a bandeira: «Fidelidade aos Reformadores». Infelizmente, porém, essa «Fidelidade aos Reformadores» é apresentada de forma unilateral, com aspectos negativos, atitude verrinosa e espírito obsoleto, que de modo algum se coadunam com o espírito aberto e progressivo do pensamento cristão hodierno. Além disso acresce que alguns dos que fazem tais protestos acusatórios de «traição aos princípios da Reforma» ou falta de «Fidelidade aos Reformadores», são, na maior parte dos casos, pessoas que não aceitam algumas das doutrinas básicas da Reforma ou, o que ainda causa mais admiração, jamais pertenceram a qualquer das históricas Igrejas Reformadas. Acerca dessa atitude parece oportuno citar algo do que foi dito pelo Dr. J. H. Merle d'Aubigné, em sua introdução à História da Reforma:

«Se a Reforma fosse o que na actualidade pensam muitos católicos e protestantes, se fosse o sistema negativo de uma razão negativa que rejeita infantilmente o que lhe desagrade e desconhece as grandes ideias e as grandes verdades do Cristianismo universal, ela não teria jamais ultrapassado os estreitos limites de uma academia, de um claustro, de uma cela. Porém ela não tem nenhuma semelhança com o que a maior parte entende por protestantismo».

Para nós, membros da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, em comunhão com outras da mesma Fé e Ordem, não há quaisquer compromissos de fidelidade à doutrina ou doutrinas dos Reformadores, mas tão somente à «**Fé uma vez dada aos santos**» (Judás 3).

Nesta ordem de ideias, estamos com Lutero, Calvino, com qualquer Teólogo ou Reformador, antigo ou moderno, e até

com o pior dos hereges, enquanto aceitam doutrina seguida pela Igreja Primitiva. Logo que suas doutrinas deixam de caber nos quadros teológicos, padrões de Fé, da doutrina Católica dos primeiros séculos, cessa justamente aí a nossa concordância com os seus ensinamentos. Isto não significa, necessariamente, que a Teologia estacionasse com os primeiros séculos da Era Cristã. Ela tem sido estudada e estudada-se-á sempre. Como ciência viva que é, está sujeita às mesmas leis de evolução que as demais ciências. Insistimos em que pode haver progresso na interpretação do Cristianismo. Por isso estamos dispostos a receber novas luzes, venham donde vierem; mas que seja luz para esclarecer e não o partir da lâmpada que nos deixe em trevas. Esta é a razão por que insistimos que todo o avanço e aprofundamento teológico deve partir das Escrituras, interpretadas pelo consenso unânime da Igreja Primitiva, e não segundo o capricho de qualquer escola ou interpretação particular.

Esta é a posição da nossa Igreja. Mas agora perguntamos nós: Conhecerão, porventura, em todos as suas consequências, as doutrinas dos Reformadores, aqueles que apregoam fidelidade aos seus ensinamentos? No caso de as conhecerem, estarão dispostos a seguir, em toda a linha, esses ensinamentos, sendo deste modo coerentes consigo próprios?

É bom que se saiba que os Reformadores, em muitos casos, não foram tão longe como alguns dos seus seguidores, vindos depois. Dentro do limitado espaço de que dispomos, alinharemos, ainda que de modo bastante ligeiro, algumas ideias que provam a nossa asserção anterior.

1) OS REFORMADORES E O EPISCOPADO HISTÓRICO

Se bem que as Igrejas fundadas pelos Reformadores, nomeadamente, Lutero e Calvino, não possuissem bispos, é evidente que aconteceu assim não tanto porque o desejassem, mas forçados pelas circunstâncias, sobressaindo a de não terem bispos que os acompanhassem no seu movimento reformador. A Confissão de Augsburgo, que ainda hoje é a Confissão básica da Igreja Luterana, em seu Artigo 28.º, que trata precisamente do poder dos bispos, embora condene o absolutismo do episcopado, reconhece a «jurisdição divina dos bispos» e que «as Igrejas têm obrigação de lhes obedecer». Por este motivo, as Igrejas Luteranas dos

países escandinavos mantiveram governo episcopal, e as Igrejas da Suécia e da Finlândia conservaram o episcopado com sucessão histórica. Por seu lado, Calvino, ainda que rejeitando os bispos, porque estes representavam sujeição a Roma, declara que «estaria disposto a submeter-se a uma hierarquia legítima, e que se alguém o não fizesse merecia ser anatematizado» (*De Necessitate Reform. Eccles. cit. por Bispo Browne, Exp. Trinta e Nove Artigos*).

Outro grande vulto da Reforma, Teodoro de Beza, discorrendo sobre este mesmo assunto, julgava loucura rejeitar todo o episcopado, e desejava que a Igreja de Inglaterra continuasse a disfrutar daquela singular bondade de Deus (*Beza ad Sarav. apud Hall, Episcopacy, sect. 4.*)

Toda a argumentação para defender o princípio de que o episcopado não é necessário na Igreja, ou para lhe dar equivalência a outro ministério, tem de situar-se no contexto histórico em que os Reformadores agiram. Somos inclinado a crer que, se Lutero e Calvino vivessem hoje, em que existe episcopado com sucessão histórica, independente de Roma, eles o aceitariam sem relutância.

2) O SACRAMENTO DO BAPTISMO

No Catecismo Menor do Doutor Martinho Lutero, na página 14, à pergunta: Que dá ou aproveita o Baptismo, o próprio Lutero responde:

«Opera a remissão dos peccados, livra da morte e do diabo, e dá a salvação eterna a quantos crêem, conforme dizem as palavras e promessas de Deus».

Pelo mesmo diapasão afinava Calvino, se é que ele não é ainda mais explícito. Por exemplo, ao defender o Baptismo das crianças, que os anabaptistas impunham, ele o faz nestes termos:

«As crianças devem ser capazes de regeneração, ainda que não sejam capazes de fé, se não fora assim então não poderiam ser purificadas da corrupção natural» E continua: **«Como poderão ser regeneradas as crianças que não sabem distinguir o bem do mal? — Respondemos: A obra de Deus não é vã»...** (*Institutas, IV. xvi. 17*).

Não será isto a doutrina da regeneração baptismal?

Também na Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana, à página 65, há uma advertência muito importante acerca do Baptismo:

«O Sacramento do Baptismo deve ser administrado uma só vez a uma mesma pessoa».

VIII CENTENÁRIO DE UPSALA COMO SÉ PRIMACIAL DA SUÉCIA

Num ambiente de elevada espiritualidade decorreram as Cerimónias do VIII Centenário de Upsala como Sé Primacial da Suécia, destacando-se desta comemoração o Jubileu Ecuménico, que ali se realizou sob a orientação do seu extraordinário organizador, o Arcebispo Hultgren.

No dia 14 de Junho houve «Missa Solene» (alguns Luteranos ainda continuam a chamar «Missa» à Sagrada Eucaristia), em que



Na cerimónia da rededicação da Igreja do Bom Pastor

pregou um sermão, estritamente evangélico, o Bispo Luterano de Goeteborg. Foi de alta significação ecuménica a presença de preladados de diferentes Confissões: O Bispo Católico Romano de Estocolmo, um Metropolita da Grécia, um Bispo Ortodoxo da Estónia, o Arcebispo de Cantuária, Anglicano, e o Arcebispo da Upsala, Luterano. Impressionante foi a muitos títulos o momento em que todos eles ajoelhados junto do Altar participaram na Sagrada Liturgia nas suas línguas ou na das suas respectivas Igrejas: latim, grego, inglês e sueco.

Significativa foi também a presença de uma delegação do Conselho Mundial de Igrejas composta

(Continua na pág. 7)

EVANGELIZAÇÃO Q

Rev. Cónego Ed

UM novo movimento, ou esboço de movimento, surge na nossa Terra, que merece a simpatia de todos nós, tão sincero e aliciente se apresentou, na clareza de expressão dos seus propósitos, com a publicação dum livro intitulado «Evangelismo em profundidade» e um colóquio a que não assisti.

Consideremos, antes do mais que haja a dizer, que há um pequeno equívoco de designação, por influência da língua inglesa, em que o original do referido livro foi escrito. Esse primeiro termo, «evangelismo», em português genuíno é designativo do resultado final conseguido por uma acção, neste caso à «evangelização». Evangelismo é teoria, doutrina aceita, a vida já comunicada, enquanto que evangelização é a prática, o método, a chamada ou apelo, a comunicação da vida, em *devis*, em progresso ou retrocesso. Começemos por evangelizar, para conseguirmos evangelismo.

Não exponho o que aí fica por impertinência, descabida aliás, mas para melhor estabelecer ideias e melhor as poder comunicar. Bem grande é o poder das palavras, mau grado poderem ficar inertes, como os ossos secos da visão de Ezequiel, se o sopro de Deus não as moverem: inertes para a transformação das vidas. Não esqueçamos que o nosso Mestre e Salvador é a Palavra Viva de Deus, e o livro da nossa fé é chamado a Palavra Divina porque se vota a dar-no-Lo a conhecer e amar.

Respeitemos a palavra como fenómeno humano universal; respeitemo-la na semântica peculiar de cada povo, numa verdadeira visão paulina, pois assim estaremos procurando tornar a mensagem celeste compreensível na nossa Pátria, esta querida herança dos nossos Pais, que formaram o seu pensamento e o informaram nos étimos de que nutrimos o nosso.

Notemos agora estoutro termo, «profundidade», que está sendo usado em vários campos, até no da política partidária e na propaganda industrial, com maior ou menor veracidade, não se sabendo já quem lhe deu a primeira aplicação metafórica no nosso tempo. Sei, sabemos todos, que S. Paulo o usou; mas não desacompanhado, antes, incluído nas quatro dimensões da fé, em Efésios 3. 18:... «que possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura e o comprimento e a altura e a profundidade...»

Entendia o Apóstolo que se devia pagar a Fé Cristã na sua largura, ou qualidade expansiva, difundindo-se no espaço (o «espaço geoquerigmático»); no seu comprimento, a tendência a prolongar-se no tempo; na sua altura, ou possibilidade de se sublimar, no cultivo, digamos ideológico e no aperfeiçoamento da expressão exegética; e na sua profundidade, ou poder para se entranhar nas almas, em cada alma, no comunicar de alma para alma, de vida para vida, sob o influxo do Espírito de Deus.

«Profundidade», no movimento evangélico sul-americano, apresenta-se como sinónimo de intensificação plena. De facto trata-se da acção de aprofundar, aplicada à evangelização, isto é, torná-la mais profunda, pelo que se admite já ela existir. É aceitável.

Mas vejamos o problema nas palavras de S. Paulo: a evangelização, nascida ou começada na publicação da mensagem, é, primeiro que tudo, um pregão, como um recado que se recebeu ao ouvido e



Igreja do Bom Pastor — Gaia,

QUADRIDIMENSIONAL

Ardo Moreira

se repete desde os lugares mais altos, aproveitando os meios naturais, a partir da viração que move os barcos de vela até às ondas hertzianas, recentemente utilizadas. Lede as palavras do Senhor em S. Mateus 10. 27, e medita nelas. Que largo horizonte! Largueza do Reino de Deus! Vastidão de plano messiânico! Cristo levantado da Terra, «todos atraíndo a Si!»

Entretanto a mensagem vinha com o propósito de continuidade, em prolongação pelas gerações sucessivas, nas palavras de S. Pedro, no dia de Pentecostes assim expressa: «Para vós é a promessa, e para vossos filhos e para os que estão longe» (Actos 2. 39). Tempo e Espaço aí ficavam ao serviço da Igreja, por determinação de Aquele que está para além do Espaço e do Tempo, o Eterno e Ilimitado Senhor que prepara e promove a Mensagem do Seu amor. E agora, na experiência missionária; na expectação do cumprimento das profecias; nos sucessivos descobrimentos arqueológicos, documen-



tadores das narrativas bíblicas; na meditação humilde e na inquirição ansiosa dos «nascidos de cima», a evangelização em altura se exalta e ascende, assim como na penetração experiencial de cada vida ela se faz em profundidade, tornando cada evangelizado um evangelizador, um cooperador de Deus, na eficiência recebida como dom do Seu Santo Espírito.

Mas permiti-me um *post-scriptum*: Estamos na era da aceleração social: preconizam-se povoamentos acelerados no Ultramar; uma industrialização acelerada; cursos acelerados para a obtenção rápida de novos e muitos profissionais. Esta viração vem-nos da Europa, da qual somos a franja ocidental. Chega-nos atenuada; mas já se sente a necessidade de acelerar essa viração.

Pois bem: é do Mestre a exortação: «a noite vem, quando ninguém pode trabalhar» (João 9. 4) Na alegoria de S. Paulo que temos estado a comentar, esta aceleração parece-nos filiar-se na «largura», a evangelização expansiva, do desmornar dos muros vergonhosos, da mão fraterna estendida ao irmão de costas voltadas, o testemunho de horizontes vastos, donde nos vem luz viva e ares frescos e salutaros. Mas o resultado objectivo desta aceleração inclui, com essa largura, também o comprimento prolongador, a altura sublimadora e a profundidade que individualiza toda a campanha colectiva, no esforço de fusão das cores partidárias na Luz Branca do nosso Deus.

ACUSAÇÃO VERDADEIRA

Vimos há tempos uma frase atribuída a A. Vinet que encerra infelizmente uma grande verdade: «Roma está sempre pronta a renegar o que tolera e a tolerar o que renega».

De facto há dois Catolicismos Romanos: O dos tratados teológicos e o das «devoções populares». Todavia este último não é tão popular como se pretende fazer crer, visto que essas «devoções» não só são toleradas pela hierarquia como, até muitas vezes, são animadas por ela. É o catolicismo «popular» de imensas homilias dominicais; são certos cânticos paralitúrgicos com verdadeiros disparates teológicos, mesmo do ponto de vista Romano; são os livros de piedade deformada e

(Continua na pág. 6)

ECOS DO CONCÍLIO

Depois de tanto se ter ouvido sobre o II Concílio do Vaticano, parece-nos de muito interesse registar algumas impressões de um dos observadores protestantes, o Pastor Roger Schutz, Prior do Convento Presbiteriano de Taizé. Sente-se nelas o vibrar dum Homem de Deus.

«Todas as manhãs, sob as abóbadas de S. Pedro, vivíamos o Concílio... com a maior parte dos Padres, como um combate travado no mais íntimo de nós próprios. ...A grande confrontação do Concílio, implicava que os Padres conciliares sáissem do silêncio



Após as Confirmações em S. Paulo, Estoril

para se interrogarem reciprocamente. Isto acontece com todas as confrontações; e quando numa família irmãos se mantiveram em certas posições, há um momento em que devem encontrar-se através de diálogo por vezes dilacerante. Daí sofrimento para aqueles irmãos que procuram amar-se; ora quando um membro sofre todos sofrem com ele. Eis por que o Concílio supõe uma prova que será purificadora se em vez de ser repelida ou calcada, for consentida no mais profundo de nós próprios.

Em Roma, com meus irmãos, recebendo todos os dias à nossa mesa bispos ou cardiais, pudemos descobrir um avanço incomparável... Quantas vezes ouvimos dizer

(Continua na pág. 7)

Antologia Devocional

CONFIA SÓ EM CRISTO

CONFIA só em Cristo: maldito seja o homem que confia do homem. Dos homens há-de ser desamparado, quer queiras ou não: mas de Jesus Cristo não, que é fiel e durável. Tudo parece, se não as boas obras. Sempre... andai a dorme e vela, o pé no estribo; pois estamos (se bem o olhamos) em uma contínua guerra com o Mundo, o Diabo e a Carne; e sempre é necessário que olhemos por nós outros, pois não sabemos a hora que chamarão à porta de nossa alma e qual nos acharem tal nos julgarão...

São João de Deus, Século XVI

CONTRIÇÃO

Que farei angustiado
onde caminho perdido,
onde vou descaminhado
pecador desatinado,
homem em balde nascido!
Céus e Terra contra mi,
e toda outra criatura,
todos me lançam de si
porque o meu Deus ofendi
por minha desventura.

.....

Que farei a tanto mal,
que lhe não acho abrigo?
Eu se desesperarei,
onde estou ó pecador?
A quem me socorrerei?
A ti, meu Deus e meu Rei,
meu imenso Redentor.
E direi a sua alteza:
amerceia-te de mi,
Deus, segundo a grandeza
da misericórdia e largueza
que tu és e ela em ti.
E segundo a multitudine
de teus amerceamentos
destruí minha maldade
secuta grão piedade
em meus desfalecimentos...

Gil Vicente, Século XVI

IGREJA E PARÓQUIA

(Continuação da 1.ª pág.)

interesse geral e o progresso comum, têm de estar sempre acima das meras conveniências ou aspirações locais.

Por outro lado é da maior importância intensificar o sentido de comunidade local.

A vivência Cristã de comunidade é infelizmente muito débil e por vezes inexistente, em Igrejas institucionalizadas. A igreja paroquial tende nesses casos a tornar-

-se em clube religioso, centro social, ou local conveniente de encontro; quando muito, é uma espécie de botequim espiritual onde cada um vai, quando lhe apetece «tomar» algo que lhe sabe bem, ou julga que fará bem à sua alma ou, em muitos casos, o que é pior ainda, torna-se em foco de dissensões entre grupinhos rivais, que dirimem entre si as tradicionais «questões de campanário»...

A comunidade cristã tem de ser acima de tudo *comunidade* e comunidade eucarística. A Eucaristia, é a sua realização, pois nela a comunidade se torna no Corpo de Cristo (I Cor. 10.17); é a fonte principal da graça para a sua vivência — «Quem de mim se alimenta» — disse Jesus — «também por mim viverá» (S. João 6.57); é a base da sua actuação missionária — «Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, *anunciais* a morte do Senhor até que Ele venha» (I Cor. 11.26).

A comunidade local, é a Família de Deus naquele local. Há-de pois desenvolver-se nela o espírito de família que é o espírito de cuidado, de ajuda e de estima mútuos. São pessoas «da mesma carne» e «do mesmo sangue», porque todos participam espiritualmente do Corpo e do Sangue de Cristo.

A comunidade local, por ser expressão local do Corpo de Cristo e portanto, boca, pés e mãos de Cristo, é também, por definição, evangelizadora e missionária. Se comodamente se encerra em si própria, desintegra-se. Há-de ir para o Mundo sem nunca ser do Mundo. Há-de estar presente por meio de alguns dos seus membros, mas como comunidade, nas várias actividades seculares locais, sejam elas artísticas, desportivas, culturais, profissionais ou sociais, informando-as do espírito cristão.

A comunidade local plenamente eucarística e que portanto se dá completamente, é a que de facto cresce e se fortalece, e que constitui fonte preciosa de bênçãos e de energia para toda a Santa Igreja Católica.

+ Luís, Bispo

EDITORIAL

(Continuação da 1.ª pág.)

Humanidade na esperança, em Deus, na vida Eterna. «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa Fé». São montanhas a transplantar, para o que é necessário o *esforço* em conjunto de todos, em contraposição às presentes divisões e querelas da Igreja que a desorganizam e a enfraquecem.

Peçamos a Deus que continue a actuar pelo Espírito Santo em todos os sectores separados para que, atentos, esperem pelo dia e a hora em que Deus decidirá unir, de novo e da forma que Ele determinar, todos os Seus filhos ao redor da Cruz, num só rebanho e num só pastor, que é Jesus Cristo.

FIDELIDADE... A QUEM?

(Continuação da pág. 3)

3) O SACRAMENTO DA CEIA DO SENHOR

Foi sem dúvida, em volta da interpretação do Sacramento da Ceia do Senhor, que os Reformadores do século XVI mais divergiram. Resumiremos aqui as ideias centrais de cada um.

Para Zwinglio, o pão e o vinho da Ceia do Senhor, são símbolos do Corpo e do Sangue de Cristo, que devem ser tomados em memória da Sua morte, até que Ele venha.

Para Calvino, a Ceia do Senhor é o Sacramento do Novo Testamento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, é anunciada a Sua morte; e os que dignamente participam, alimentam-se do Corpo e Sangue de Cristo, para sua nutrição espiritual e crescimento em graça, sendo real, verdadeira e espiritual a presença de Cristo no Sacramento.

Para Lutero, *é o verdadeiro Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo*, para ser comido e bebido, sob o pão e o vinho, pelos cristãos, como Cristo mesmo o instituiu.

Também no Catecismo a que já fizemos referência, Lutero chama à Ceia do Senhor «Sacramento do Altar». E na Confissão de Augsburg a Ceia do Senhor é chamada «Missa», nos seguintes termos:

«A Missa é conservada entre nós no seu legítimo uso, de acordo com a maneira por que era celebrada na Igreja antiga»... (Art. 24.º DA MISSA).

Mas ainda há mais. Lutero ensinou a confissão auricular, conforme vem expresso na Confissão de Augsburg:

«A confissão não foi abolida pelos nossos pregadores, porquanto conservamos o costume de não dar a Ceia aos que não foram previamente examinados e absolvidos» (Art. 25.º — DA CONFISSÃO). E não é menos explícito, quando, ao responder à pergunta: O que é a confissão, diz:

«A confissão compreende duas partes: primeiro que confessamos os nossos pecados; segundo, que aceitamos a absolvição do confessor como de Deus mesmo, sem duvidar de modo algum...» (Catecismo do Doutor Martinho Lutero, pág. 16).

Eis aqui, postas perante nós, afirmações feitas por alguns dos grandes lumináres da Reforma. Terão conhecimento

delas aqueles que hoje nos acenam com a «Fidelidade aos Reformadores»? — Talvez não.

A doutrina da Igreja Lusitana é, como já antes dissemos, a mesma que a da Igreja dos primeiros séculos, tal como se encontra expressa e definida em seus Concílios Gerais, ou, por outras palavras, aquilo que é «verdadeiramente católico». E por «verdadeiramente católico» se compreende, conforme máxima de S. Vicente Lerinense: **«Aquilo que foi crido por todos, sempre, e em toda a parte»**. A nossa fidelidade é, portanto, à «Fé Católica», a qual, como bem disse o Senhor D. Luís em sua Pastoral, publicada em Junho p. p., «está contida nas Escrituras, resumida e afirmada nos Credo, ensinada pela Igreja indivisa e comentada nos Trinta e Nove Artigos de Religião».

Saul de Sousa

VIII CENTENÁRIO DE UPSALA...

(Continuação da pág. 4)

por: Dr. Visser't Hooft, Presbiteriano; Alivisatos, Ortodoxo; e o Bispo Dibelius, Luterano.

Receberam ainda caloroso acolhimento as Igrejas Reformadas de França e de Estocolmo, representadas, respectivamente, pelos Pastores Bourguet e Daniel Mann.

Destacamos também uma reunião de Evangelização que teve lugar ao ar livre no parque do Castelo.

ECOS DO CONCÍLIO

(Continuação da pág. 5)

em resumo; quando voltarmos não seremos mais os mesmos. Ou ainda: O Concílio operou uma conversão interior que importa aplicar na pastoral diocesana. Ou ainda exprimiam a sua decisão de viverem no espírito de pobreza das Bem-aventuranças, de serem acima de tudo, servos. Pode-se crer portanto que certas dioceses serão transformadas». (Aujourd'hui, N.º 5, Janeiro de 1964).

PELA IGREJA

(Continuação da pág. 8)

Missão de S. Tomé

Campanha Especial de Evangelização

De 14 a 19 de Junho p. p., teve lugar nesta capela uma série de Conferências de evangelização em que tomaram parte, sucessivamente, os seguintes oradores:

Pastor Riço de Carvalho, da Igreja Evangélica do Beato — Lisboa; Rev. Augusto Almeida Esperança, da Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa; Rev. António dos Santos, da Terceira Igreja Baptista de Lisboa; Pastor Frank Smith, da Igreja Evangélica de Coimbra. Todos estes pregaram uma vez, à excepção do Pastor Frank Smith, que pregou duas vezes. Todos nos deixaram poderosas mensagens do Evangelho. Esta série foi encerrada com Sagrada Eucaristia e Sermão pelo Senhor D. Luís. A assistência a estes cultos aumentou de dia para dia.

Após o último culto, a convite do leitor leigo, Sr. Joaquim da Silva Ribeiro, grande impulsionador do trabalho em Castanheira, teve lugar em sua casa um encontro social, durante o qual ele discursou descrevendo a história da fundação do trabalho ali, as lutas por que tem passado e o alvo que se pretende atingir. Finalmente, dirigiu-se a dois dos membros mais destacados da Congregação, donos da casa onde está instalada a capela, lembrando a todos o zelo e a dedicação manifestados por aqueles irmãos desde o início do trabalho.

Depois, foi-lhes entregue em nome da Congregação, pela Esposa do Bispo e pelo Pároco, duas lembranças.

Passeio da Escola Dominical

No dia 13 do corrente, sob a direcção do Superintendente, Sr. Joaquim Ribeiro, acompanhado pelo Pároco, realizou-se o passeio da E. D. à Foz do Arelho. A excursão constituiu um dia muito aprazível para todos.

Dr. Leopoldo de Figueiredo

É com a maior alegria que damos a notícia de estar a regressar a Portugal o Director deste Boletim, Dr. Leopoldo de Figueiredo.

Este nosso querido Amigo que fora para Inglaterra a fim de se sujeitar a tratamento, experimentou boas melhoras, pelo que damos muitas graças a Deus.

CORAJOSA AFIRMAÇÃO

Devem-nos fazer reflectir estas palavras de Mgr. Ziadé, Arcebispo Uníata de Beirut, no II Concílio do Vaticano:

«No princípio... os Bispos eram, e são, verdadeiros sucessores dos Apóstolos, verdadeiros Vigários de Cristo, verdadeiros Pastores, verdadeiros ensinadores dos fiéis, verdadeiros directores das almas. Nunca foram vigários do Pontífice Romano nem seus delegados no pastorear do rebanho».

(Council Speeches of Vatican II, Sheed and Ward, p. 73).

PELA IGREJA

Notícias Gerais

Igreja de S. Paulo

Estoril

Visita do Senhor Dom Luís

Esta Igreja, que é uma capelania anglicana sob a jurisdição do Bispo de Gibraltar, é a sede de uma comunidade muito viva e activa e tornou-se demasiado pequena para o crescente número de paroquianos e visitantes que nela se reúnem domingo após domingo, motivo por que vai ser ampliada em breve. A Igreja Lusitana conta no seu Reitor, o Rev. John Humphreys, um dos seus mais dedicados amigos, o qual dotado de larga visão ecuménica e de arrojado espírito de iniciativa, foi verdadeiro pioneiro no estreitamento de relações entre a Igreja de Inglaterra e a Igreja Lusitana.

Podemos dizer que no passado dia 21 de Junho se fez história na Igreja de S. Paulo do Estoril, quando o nosso Bispo, em substituição do Bispo de Gibraltar, ministrou ali a Confirmação e deu a primeira Comunhão, a um bom grupo de novos membros comungantes.

Depois de durante tantos anos a Igreja Lusitana ter estado dependente da Comunhão Anglicana para ministrações episcopais, um Bispo nosso substituiu o Bispo Anglicano numa paróquia da Igreja de Inglaterra.

Conferência de Capelães Militares da NATO

Teve lugar em Lisboa no mês passado uma das conferências periódicas dos capelães militares da NATO. A pedido do Capelão português encarregado da organização, desta conferência, o nosso Bispo encarregou-se de promover um encontro entre os capelães não Católicos-Romanos e obreiros evangélicos portugueses, que teve lugar no Seminário Presbiteriano de Carcavelos, bem como um serviço religioso em Igreja portuguesa, o qual se realizou na capela, de S. Lucas, da nossa catedral, em língua inglesa e presidido pelo Capelão Luterano dinamarquês. Foi o segundo Pastor dinamarquês a officiar em Igreja portuguesa: o primeiro, fê-lo no século XVII, na Igreja da Memória, na Ajuda, a fim de celebrar a «Ceia do Senhor» para soldados protestantes estrangeiros a soldo do governo português; a referida Igreja ficou «ipso facto» interdita. O mesmo não aconteceu com a nossa catedral cuja congregação se sentiu muito honrada pelo facto. Outros tempos e ... outros costumes!

Notícias Paroquiais

Paróquia da Catedral de S. Paulo

Lisboa

Compromisso de honra e Assistente espiritual

No dia 25 do mês p. p., durante a celebração da Sagrada Eucaristia e após o Sermão, fizeram o seu compromisso de honra 4 novos escuteiros do Grupo 53, anexo a esta Congregação. Pelo Senhor Bispo, foi

também nomeado Assistente Espiritual do mesmo Grupo, o Pregador Leigo, José Carlos Gonçalves.

Homenagem ao Senhor D. Luís

No mesmo dia 25, em homenagem ao Senhor Bispo, por ocasião do 2.º aniversário da sua sagração, foi-lhe oferecido um chá organizado conjuntamente pela Sociedade de Senhoras e pela Junta Paroquial. Saudou Sua Excelência Reverendíssima, em nome da Congregação, o Ministro auxiliar, Rev. João Soares de Carvalho.

Paróquia de S. João Evangelista

V. N. de Gaia

Excursão

A Liga do Esforço Cristão, a União Feminina e a Escola Dominical, realizaram as suas excursões anuais recentemente, as quais decorreram o melhor possível.

No primeiro destes departamentos estudou-se a possibilidade duma excursão a Vigo no ano que vem, o que está a despertar grande interesse.

Éxitos académicos

Foram coroados dos melhores resultados os exames dos alunos da Escola diária desta Paróquia, havendo igualmente obtido boas classificações nos seus estudos secundários, vários jovens desta Congregação.

Missão da SS. Trindade-Viana do Castelo

O Revd.º Bispo visitou esta Missão no dia 28 de Junho findo e ali confirmou mais duas pessoas, e recebeu a Comunhão da Igreja outras três já confirmadas na Comunhão Católica-Romana. Em seguida celebrou a Sagrada Eucaristia e visitou em suas casas dois enfermos, aos quais deu a bênção.

Esta Missão fora visitada no domingo anterior pelo Corpo de Evangelização do Torne.

Cinquenta e cinco pessoas que se fizeram transportar em duas camionetas, desde Gaia, foram animar a pequena congregação local, tendo dado o seu testemunho, no culto que ali se realizou, o Sr. Miguel Evangelho, de Viana, e o jovem Joaquim Armindo, do Torne.

Paróquia do Salvador do Mundo

Prado — V. N. de Gaia

Excursão anual

No passado dia 10 de Junho levou a efeito, o Esforço Cristão desta Igreja, conjuntamente com a Escola diária, a sua excursão anual, a qual comportou, aproximadamente, 300 pessoas, que se fizeram deslocar em 6 autocarros e alguns automóveis, dando ocasião a um óptimo testemunho cristão de camaradagem.

Fecho do ano lectivo da Escola Dominical

No primeiro domingo de Julho, para encerramento solene do ano lectivo da Es-

cola Dominical, reuniu-se esta num aprazível pinhal vizinho da igreja, para testemunho, aos que habitam naquele local, da existência desta escola que comporta, presentemente, mais de uma centena de crianças.

Após uns jogos recreativos, teve lugar um pequeno culto ao ar livre em que pregou o Ministro, não só aos alunos, mas também a muitos curiosos que assim tiveram oportunidade de ouvir falar do seu Criador. Foi ainda distribuído um lanche a todas as crianças presentes, que eram aproximadamente 150.

Paróquia de Cristo Redimidor

Alcácer-do-Sal

A Quem honra, honra

O Senhor Bispo visitou esta Paróquia no dia 18 de Junho p. p., em que teve a oportunidade de pregar a numerosa assistência. No final, teve lugar no Salão Social, uma sessão de homenagem ao Senhor D. Luís, relacionada com o 2.º aniversário da sua sagração, em que lhe foi oferecida um artística mensagem assinada por todos os membros da Congregação. Foi também ocasião de recordar os relevantes serviços prestados àquela Congregação pelos dedicados obreiros: Dr. Ayres Serrano e Silva, Rev. Francisco Venâncio de Oliveira e Pregador Leigo, José Carlos Gonçalves.

Paróquia de S. Mateus

Vila Franca de Xira

II Aniversário da sagração episcopal do Senhor D. Luís

Assinalando o dia de S. João, data para nós duplamente significativa por ser também aniversário da sagração do nosso Bispo, grande número de fiéis participou da Sagrada Eucaristia em Acção de Graças pelo Bispo que Deus nos concedeu. Foi celebrante Sua Excelência Reverendíssima, que no fim foi muito cumprimentado pelos assistentes. À saída, duas senhoras membros da Congregação e em nome desta, ofereceram ao Senhor Bispo e a sua Esposa, dois lindos ramos de rosas, como expressão do carinhoso afecto que lhes dedicam.

Visitante Anglicano

Pregou na Eucaristia de domingo 12 do corrente, o seu primeiro sermão em português, o sacerdote anglicano, Rev. Dr. Peter Goodhall, que se destina à Diocese dos Libombos, Moçambique, e que está há alguns meses em Portugal a estudar a nossa língua.

O nosso Bispo presidiu à celebração, concelebrando com ele o Presbítero visitante e o Pároco, os quais estavam revestidos de alva e estola cruzada, conforme o uso prescrito no Concílio de Braga de 671 e autorizado pelo Sínodo em sua última Reunião.